



Com Júlio Pereira, Zeca manteve uma colaboração intensa nos últimos anos. Na foto à direita vê-se o poeta com Adriano Correia de Oliveira e o editor Arnaldo Trindade



Canalhices

Vítima de todo o tipo de abusos durante a vida, José Afonso continua a ter a sua obra tratada de forma indigna pelas empresas discográficas.

Poucos artistas, em Portugal, foram tão maltratados pelas editoras discográficas como José Afonso. Vítima de abusos de toda a ordem — desde os mais elementares casos de desrespeito pelo Código do Direito de Autor às mais chocantes acções de pirataria — seria de supor que, cinco anos passados sobre a sua morte e com as contas bancárias sensivelmente aumentadas graças à obra de Zeca, os detentores das suas gravações manifestassem, se não respeito pela sua memória, pelo menos algum pudor no tratamento da sua obra.

Mas não. Ávidos de lucro fácil, os vampiros não olham a meios para o conseguirem. Seja por manifesta pulhice ou simples incompetência, Zeca continua a ser alvo de todo o tipo de oportunismos, encobertos na passividade legal de um Estado que nada fez por ele em vida, mas cujos burocratas de serviço não esquecem, quando se trata de cobrar impostos — como aconteceu há cerca de um mês, numa manifestação do mais apoplético surrealismo fiscal de que há memória entre nós.

Em termos discográficos, o último escândalo de que houve notícia foi a publicação, em disco compacto, do duplo LP «Ao Vivo no Coliseu» (Diapasão, ed. Lamié-Sassetti, 1991). Aparentemente trata-se da mesma obra, transposta para um único CD — atitude perfeitamente compreensível dado que um compacto tem capacidade para incluir mais de 70 minutos de música, sem prejudicar a qualidade da gravação original.

A ficha técnica incluída no CD dá

conta das mesmas 17 músicas que preenchem o duplo LP e o ouvinte (que alegremente exportou quase três contos de reis na convicção de, assim, poder guardar, em perfeitas condições, a memória do espectáculo de 29 de Janeiro de 1983) nem sequer davida que se trate do mesmo trabalho. Nem mesmo quando abre a capa e verifica que, ao contrário do que está escrito na ficha, a «foto interior de Joaquim Lobo», que integrava o duplo álbum original, se eclipsou misteriosamente.

Só mais tarde, ao ouvir a gravação, verificará que foi enganado. E que, mau grado as aparências, este CD não corresponde, de todo, à edição em vinil. Na realidade, o que aqui se pode ouvir é a mesma sequência de canções da versão original, mas de onde desapareceram todos os espaços intermédios, correspondentes aos aplausos do público que, naquela noite de há nove anos, fez vibrar o Coliseu dos Recreios. Ou seja: todo o ambiente de festa e homenagem ao criador de «Grândola» foi, pura e simplesmente, suprimido.

A amputação é tanto mais grave quanto foi feita à revelia do produtor responsável pelo trabalho, Eduardo Paes Mamede — que só teve conhecimento do sucedido por intermédio de «O Jornal» —, e de um modo que, na mais benevolente das hipóteses, pode considerar-se tecnicamente infantil: os cortes foram feitos «à faca», sem o elementar recurso ao «fade out», e chegam mesmo a sacrificar a parte final de alguns temas, como acontece com «A Morte Saiu à Rua».

O que seria grave em qualquer gravação de um espectáculo (os discos «ao vivo» valem sobretudo pela reconstrução do ambiente a que se reportam), torna-se, neste caso, verdadeiramente criminoso. Porque só um tolo pode pensar que alguém queira ouvir este disco pelas canções em si. São conhecidas as condições precárias (tanto do ponto de vista técnico como da saúde do poeta-

-cantor) em que aquele espectáculo se realizou e, portanto, este registo interessa essencialmente como documento. Que seja respeitada a sua forma original é, pois, o mínimo que pode exigir-se.

Este é, no entanto, apenas o mais recente capítulo da triste saga que tem envolvido as sucessivas reedições das obras de Zeca. Outro, menos novo mas igualmente indigno, refere-se à primeira publicação digital das gravações efectuadas por Zeca para a empresa de Arnaldo Trindade e cujos «masters» pertencem actualmente à Movieplay.

Inicialmente lançados pelo Euroclube (e, posteriormente, comercializados com a etiqueta «Riso & Ritmo», da Movieplay) todos com a mesma capa — uma foto dos anos 60, originalmente utilizada para o single «Menina dos Olhos Tristes» — sem ficha técnica nem textos de canções, estes CDs são bem a demonstração do desinteresse dos industriais da música para com os seus melhores criadores.

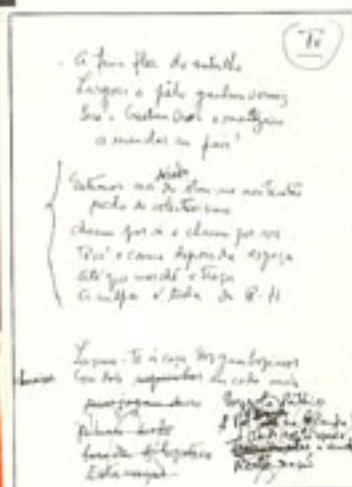
Recentemente, a Movieplay publicou, numa colecção que designou por «série ouro», dois desses CDs («Canções do Maio» e «Fados de Coimbra») com a reprodução das capas originais, mantendo embora ausentes as letras das músicas. Se foi para emendar a mão relativamente à mentecapta edição anterior, a gente agradece. Mas continua a ser pouco.

Há poucos dias, os responsáveis da Movieplay (onde pontifica uma figura bem conhecida e pouco amada dos meios discográficos nacionais, José Marques Serafim) anunciaram para breve a reedição em compacto dos restantes nove discos gravados por José Afonso para a Orfeu. Com as capas originais, dizem eles. Já agora, esperamos que também com a reprodução dos textos — que, nas canções de Zeca, nunca foram um mero apêndice, como se sabe.

A tudo isto acresce o facto de os herdeiros de José Afonso não serem sequer informados das sucessivas reedições que têm sido feitas, o que, no mínimo, torna legítimas todas as suspeitas que possam levantar-se — e sobre as quais talvez já seja tempo de a SPA se pronunciar. E que gato escaldado... V.T.



A despedida, no Coliseu, em 29 de Janeiro de 1983. À direita, o manuscrito de «Década de Salomé», canção incluída no álbum «Galinhas do Mato».



«Tenho uma vaga ideia do meu próprio nascimento», sonhou José Afonso, recordando o segundo primeiro do seu olhar: «Tudo parte de uma luz indiferenciável, uma luz que invade tudo, que me penetra por todos os lados. Uma luz láctea. Uma luz imanescente, muito vital, como se fosse uma película, um banho de leite que me mergulhasse a mim ou mergulhasse o universo. Uma larva branca.» Assim terá nascido este homem que morreu coberto de luz há precisamente cinco anos.

Por duas vezes, dois Chefes de Estado do pós-25 de Abril tentaram condecorar José Afonso com a Ordem da Liberdade. Em vida, o cantor não preencheu o formulário que lhe daria acesso ao reconhecimento oficial da Pátria. Em morte, os seus familiares recusaram receber em cerimónia pública o que José Afonso não aceitara em vida. De modo que as insígnias da condecoração repousam no silêncio dos arquivos de intenções do Palácio de Belém.

José Afonso nasceu distraidamente, porque sempre foi um homem distraído, que se distrau ao longo da vida, vivendo-a de modo intenso.

Na escola primária, em Aveiro, o professor punia-o severamente por ele manter nas aulas essa qualidade suprema de

se distrair.

Na Universidade, a que regressou anos antes de morrer, esta sua postura ressurgia no seu quotidiano de universitário. Durante um teste de linguística, teve grandes considerações literárias a propósito de um texto de Almeida Faria. O professor, Eduardo Prado Coelho, anotou-lhe à margem: «Análise muito bem feita, excelente mesmo, do texto de Almeida Faria. Como leitor fiquei encantado. Como professor lembro-lhe que havia um enunciado de que se esqueceu.»

A rádio hoje apaga-o definitivamente, como se não houvesse espaço para a sua poesia cantada. A ordem da não liberdade funciona aqui plenamente em nome dos altos valores do mercado e dos níveis de audiência. Mesmo entre as chamadas rádios progressistas...

Cinco anos após este manto de silêncio, que envolve a voz de Zeca Afonso, ressaltam-nos à memória esse seu modo de estar na vida, com se ficasse permanentemente no final da fila dos distraídos a aguardar, tímido, a sua vez.

E em qualquer caso nunca se esqueceu de ser o primeiro em gestos solidários para com os deserdados do Mundo.

A Galiza, que tanto o amou, homenageou-o em vida com um festival de can-

ções populares. Zeca levou consigo um grupo da Pretilin que entou canções tradicionais do martirizado povo maubere. E se há coisa que lhe custou não ter feito em vida foi exactamente uma canção sobre Timor. «Precisava de lá ir», dizia aos mais próximos, quando a Indonésia já impedira a concretização de tais desígnios.

Acostava onde sentia que cantar poderia constituir uma forma de viver intensamente. Para quem cantava e para quem ouvia.

Moçambique e Angola foram palcos onde derramou o seu canto e solidariedade militante antes e depois da independência. E Portugal foi palmilhado, em condições tantas vezes incríveis, para se fazer ouvir. Era provavelmente um mito feito de carne e osso, amado por uns e odiado pelos saudosos da ordem.

Nesse seu modo de estar, sempre surpreendido pela vida, fez poesia como quem respira, letra a letra, traço a traço, rasura a rasura, sem deixar de cantar os poetas seus pares com uma voz e criatividade inigualáveis. Utilizou a ironia como arma. Subverteu códigos quando a realidade era mais imaginária que o sonho. Viveu.

José Afonso era assim um amigo antigo e sempre jovem que encarou a morte com a serenidade de uma luz branca e difusa. Como se cantasse os últimos versos escritos pela sua mão:

«tempo que leva tempo, meus amigos/ regressam ternamente a suas casas/ com eles edifico uma morada/ que um Deus reme conosco/ na viagem.» (Bucarest, 23.10.1982) ■

O Comércio do Porto

José Afonso: cantar de amigo esta noite no Coliseu

José Afonso, o baladeiro há tanto tempo prometido aos amantes de boa música do Porto, está hoje, às 21h30, no Coliseu, para finalmente fazer cacutar o seu cantar de amigo.

O espectáculo do Porto tem a lotação esgotada há já dois meses, e, se este facto não bastasse para atestar do interesse que o público manifesta pelas canções do autor de «Grândola, Vila Morena», a suscitação de certezas publicitárias até ontem à noite, altura em que foram colados nas ruas, seria bem esclarecedora.

Com 53 anos de idade, Zeca Afonso é ele próprio, um volume da história do país a partir dos anos 60. É em Coimbra que, integrado no Orfeão Académico e na Tuna Académica da Universidade, José Afonso começa a



fazer ouvir a sua voz, conferindo ao «Fado de Coimbra» novas preocupações e a invulgar qualidade da sua voz, que reflecte no timbre o ambiente de mudança que então se respirava e que estaria na base da «crise de 62».

Professor em variadíssimas escolas do país e em Moçambique, Zeca Afonso enceta uma luta política identificada com os movimentos independentistas, e, mais tarde milita na frente da LUAR. A sua voz, as suas músicas de raiz popular e a sua poesia chegaram a todo o lado onde se tornava necessário animar a oposição crescente ao regime. Militante, solidário e coerente, o canto de José Afonso após o 25 de Abril traduz a assumpção inequívoca da liberdade. De novo em toda a parte onde se luta pela concretização de uma «utopia», Zeca Afonso leva como ansas as suas próprias vivências de resistente e a fraternidade da sua música.

Hoje, finalmente, Zeca Afonso está no Porto. A cantar o sempre novo cantar de amigo para quem a boa música é sinónimo de cantar português, com os pulmões, com o coração, com a garganta e a vida inteira.

7-4-85

AMIGOS DE ZECA AFONSO FAZEM HOMENAGEM NA HOLANDA

O cantor Zeca Afonso será, quarta-feira próxima, homenageado com um espectáculo no famoso «Milky Way», de Amesterdão, por músicos portugueses e estrangeiros, na maioria emigrados, foi agora apresentado.

«Hoje, quando todo o mundo presta a merecida homenagem ao Zeca, hesitamos em tomar uma posição semelhante com receio de que os nossos intuitos pudessem ser mal interpretados», lê-se na apresentação ao espectáculo.

«Porque não o podemos ver na nossa companhia, apesar de ser esse o nosso desejo, não queremos, no entanto, deixar de fazer, com ele, mais um concerto. Será um concerto diferente, certamente, mas de certeza que os seus inúmeros amigos lá irão estar presentes, a afirmar que nesta difícil esquina da sua — nossa — vida, há sempre um amigo, também».

O espectáculo contará com músicos do Chile, Paraguai, Holanda, Alemanha Federal, dois grupos mistos de música portuguesa — «Venham mais cinco» (Holanda) e «Gândola» (EUA) — além da presença de Pedro

Caldesira Cabral e Amílcar Vasques Dias, que se deslocam de propósito à Holanda.

Durante o espectáculo, nas instalações polivalentes

Rui Simões, além de vídeos de actuações ao vivo de Zeca Afonso.

Paralelamente, estará patente uma exposição de pin-



José Afonso continua a ser alvo da solidariedade dos seus amigos espalhados por todo o Mundo.

do «Milky Way», serão projectados os filmes «Francisca», de Manoel de Oliveira, e «Bon povo português», de

tuzas e totos de artistas portugueses residentes na Holanda, bem como a venda de livros e discos.

Jornal de Notícias - 7-4-85

ASSUNTO: CONFERENCIA DE IMPRENSA
"Homenagem a José Afonso" em Viana do Castelo

Amigos e Senhores,

Os nossos melhores cumprimentos e saudações de muita amizade.

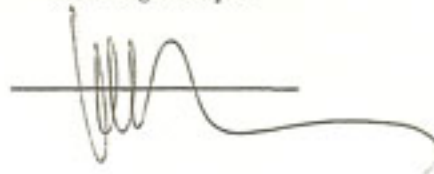
Hoje, 6ª feira - 15 de Março - vai realizar-se pelas 17 horas, na sede da revista "no-mundo da canção" à Rua Passos Manuel, 134-1º-Porto - uma conferência de imprensa durante a qual irão ser divulgados aos Orgãos da Comunicação Social todos os pormenores relacionados com a "Homenagem a José Afonso" que irá ser prestada a este poeta e músico popular em Viana do Castelo pelo nosso Centro Cultural.

Pela importância que se reveste esta homenagem, e também pelo seu alto significado, muito gratos ficamos pela vossa presença.

Sea outro assunto de momento, somos com toda a consideração e muita estima,

Atentamente

Pela Organização

A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a long horizontal stroke extending to the right, positioned below the text 'Pela Organização'.